

## XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

### GT-6 – Informação, Educação e Trabalho

#### FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES INFORMACIONAIS E AS CRENÇAS DE AUTOEFICÁCIA

Vanessa de Souza (Universidade Estadual de Londrina - UEL)

Adriana R. Alcará R. Alcará (Universidade Estadual de Londrina - UEL)

#### TRAINING AND DEVELOPMENT OF INFORMATIONAL SKILLS AND SELF-EFFICACY BELIEFS

##### Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

**Resumo:** O objetivo do estudo foi analisar o processo de formação e desenvolvimento das habilidades informacionais em graduandos de Biblioteconomia e a influência das crenças de autoeficácia nesse processo. Para tanto, foi realizada uma pesquisa colaborativa, de natureza qualitativa. Os participantes da pesquisa foram 16 estudantes do 3º ano do curso de Biblioteconomia de uma instituição de ensino pública do norte do Paraná, que estavam na fase de construção do pré-projeto de pesquisa para o trabalho de conclusão de curso. A pesquisa foi realizada em três etapas: a) contato inicial com os estudantes, com o objetivo de conhecê-los e apresentar a proposta da pesquisa; b) oficina com o objetivo de apresentar e explorar diferentes bases de dados para o levantamento bibliográfico, técnicas para fichamento e discussão sobre as crenças de autoeficácia; c) grupo de discussão para avaliar a percepção dos estudantes quanto às atividades realizadas na oficina, bem como refletir sobre a formação de habilidades informacionais. Os resultados indicaram que uma parte dos estudantes apresentava domínio no uso das fontes de informação, no entanto apresentavam dificuldades em sua utilização. Quanto às crenças de autoeficácia, a maioria dos estudantes acredita em suas capacidades, porém, em alguns momentos sentem-se desanimados. Conclui-se que, por meio da oficina e o grupo de discussão, os estudantes tiveram a oportunidade de refletir a respeito de suas práticas de pesquisa, identificar suas dificuldades e buscar estratégias para melhorar suas habilidades informacionais. Os resultados podem contribuir para o planejamento de outras oficinas voltadas para o desenvolvimento e aprimoramento das habilidades informacionais.

**Palavras-chave:** Habilidades Informacionais; Busca da Informação; Uso da Informação; Crenças de Autoeficácia.

**Abstract:** The objective of this study was to analyze the process of formation and development of the informational skills in undergraduate students of Librarianship and the influence of the beliefs of self - efficacy in this process. For that, a collaborative research was carried out, of a qualitative nature. The research participants were 16 students from the third year of the Librarianship course of a public education institution in the north of Paraná, who were in the construction phase of the pre-project of research for the work of conclusion of course. The research was carried out in three phases: a) initial contact with the students, with the purpose of getting to know them and presenting the research proposal; b) workshop with the objective of presenting and exploring different databases for the bibliographic survey, logging techniques and discussion about the beliefs of self-efficacy; c) discussion group evaluate the students' perceptions regarding the activities carried out in the workshop, as well as to reflect on the formation of informational skills. The results indicated that some of the students had a mastery in the use of information sources, but presented difficulties in their use. As for beliefs of self-efficacy, most students believe in their abilities, however, at times they feel discouraged. It was concluded that, through the workshop and discussion group, students had the opportunity to reflect on their research practices, identify their difficulties and seek strategies to improve their informational skills. The results can contribute to the planning of other workshops aimed at the development and improvement of informational skills.

**Keywords:** Information Skills; Information Seeking; Use of Information; Self-efficacy beliefs.

## 1 INTRODUÇÃO

As habilidades informacionais referem-se à capacidade ou o domínio que os estudantes possuem em relação à definição de necessidade, busca e uso da informação. Elas são fundamentais para a aprendizagem, sendo o primeiro passo na aquisição das metas educacionais (LAU, 2007). Desenvolver as habilidades informacionais é imprescindível na sociedade atual, principalmente, devido ao grande número de informações existentes tornando-se cada vez mais necessário e indispensável saber buscar a informação, utilizar as estratégias de busca adequadas, formular palavras-chave coerentes com o tema de pesquisa, avaliar a qualidade das fontes de informação, avaliar as informações recuperadas, usar as estratégias cognitivas e metacognitivas e ter ética no uso da informação.

Quanto à motivação, variável que também fez parte deste estudo, é importante enfatizar que ela pode influenciar na forma de agir dos estudantes durante suas práticas de pesquisa. Assim, esta pesquisa procurou analisar a motivação na perspectiva de uma de suas teorias – as crenças de autoeficácia, que se referem às percepções que os estudantes possuem das suas próprias capacidades, possibilitando o desenvolvimento da motivação, bem-estar e realizações pessoais (BANDURA, 1997). Mais especificamente, verificou-se o quanto as crenças que o estudante possui em relação a sua capacidade interferem no processo de formação e desenvolvimento de habilidades informacionais.

Béguin-Verbrugge (2005) ressalta que um dos maiores desafios da educação superior se refere às habilidades individuais e coletivas no uso da informação por parte dos estudantes. Isto é, muitos entram e saem de um curso superior com pouco ou nenhum conhecimento sobre as habilidades no uso da informação. Em muitos casos, este fator pode contribuir para o abandono ou trancamento do curso, tempo de permanência no curso além do prazo regular, dificuldades de integração, descontentamento com a área que escolheu ou falta de oportunidades no mercado de trabalho. Nesse sentido, a universidade vai se constituindo como um lugar de seleção e de exclusão cada vez mais acentuado. Não se trata de uma deficiência produzida apenas na esfera da educação superior, esta situação também possui raízes no ensino fundamental e médio.

Nessa perspectiva, verificou-se a necessidade de promover ações para o desenvolvimento das habilidades informacionais, assim, o objetivo do presente artigo é relatar uma ação realizada que visou contribuir para a formação das habilidades de futuros bibliotecários. Ressalta-se que, este trabalho integra uma pesquisa maior (dissertação de

mestrado<sup>1</sup>) e que o foco será para as habilidades informacionais e para as crenças de autoeficácia.

## **2 HABILIDADES INFORMACIONAIS PARA A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO**

Os estudantes adquirem e desenvolvem habilidades para o uso de informações desde seu ingresso no ensino superior, no entanto nem sempre se beneficiam de formações específicas para o desenvolvimento das habilidades informacionais nos sistemas de ensino. Bernhard (2002) menciona as principais razões para a implementação de ações voltadas a formação, desenvolvimento e uso das habilidades informacionais, dentre as quais destacam-se: crescimento da informação disponível e acessível em diversos formatos; informação cada vez mais heterogênea cuja autenticidade, validade e credibilidade devem ser continuamente estabelecidas; economia baseada fortemente em atividades de serviços, buscando desenvolver as tecnologias rapidamente; necessidade do estudante em adquirir e desenvolver a competência em informação; necessidades de atualizações nas atividades de pesquisa; demanda de pessoas que dominem as tecnologias para buscar informações em fontes digitais, entre outras.

Na perspectiva de Lau (2007), a formação das habilidades informacionais deve acontecer no decorrer da vida e, especialmente, no período de formação acadêmica, já que os futuros profissionais da informação, como parte da comunidade de aprendizagem e como profissionais que lidam com a organização e tratamento das informações, devem ou deveriam assumir o papel principal no ensino das habilidades informacionais ao longo de sua atuação profissional. Segundo esse mesmo autor, essas habilidades se referem ao conhecimento e às estratégias necessárias a fim de identificar corretamente a informação pertinente para realizar uma atividade específica ou resolver um problema, realizar uma busca de informação eficiente, organizar ou reorganizar a informação, interpretá-la ou analisá-la. Ainda, avaliar a exatidão e a confiabilidade da informação (incluindo o reconhecimento ético das fontes de onde foi obtida a informação), comunicar e apresentar os resultados da análise e interpretação aos outros e

---

<sup>1</sup> PIANOVSKI, Vanessa de Souza. **Formação e desenvolvimento de habilidades informacionais: um estudo com graduandos de Biblioteconomia**. 2017. 158 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

utilizá-la para a execução de ações e obtenção de resultados também são ações que devem ser desenvolvidas para a formação das habilidades informacionais.

O desenvolvimento das habilidades informacionais vem sendo discutido no âmbito da competência em informação e de seus programas. Esses programas objetivam avaliar o processo de busca e uso da informação, identificar as competências e habilidades dos estudantes, e muitas vezes promover ações para o aprimoramento e desenvolvimento das habilidades e competência em informação.

A *American Library Association* – ALA (1989) refere-se à competência em informação como um atributo de um estudante que reconhece uma necessidade de informação, possui as habilidades para localizar, avaliar e utilizar essas informações, e assim, atingir seus objetivos estabelecidos inicialmente. Um estudante competente em informação possui internalizado a máxima de “aprender a aprender” e sabe como o conhecimento está organizado, podendo ser criado a partir das informações. Mais recentemente, a *Association of College and Research Libraries (ACRL)*, reformulou o seu documento sobre a competência em informação e a apresentou como um conjunto de habilidades integradas, que abrange a descoberta reflexiva de informação, a compreensão de como a informação é produzida e valorizada, o uso da informação na criação de novos conhecimentos e a participação ética nas comunidades de aprendizagem (ACRL, 2015).

Segundo Gasque (2013) a competência em informação diz respeito à capacidade do estudante em estimular seus conhecimentos em prol de uma dada situação. Referem-se às competências, como: identificar as necessidades de informação, saber avaliar, buscar e usar a informação de modo ético, legal e econômico. Para Belluzzo, Santos e Almeida Junior (2014, p. 63) “pode ser definida como um conjunto de competências e habilidades que uma pessoa necessita incorporar para lidar, de forma crítica e reflexiva, com os diversos recursos informacionais existentes”. Nesse sentido, Belluzzo e Feres (2015, p. 8) destacam que o desenvolvimento da competência em informação prepara as pessoas para “o acesso, a seleção, a gestão e a avaliação da informação necessária à vida profissional, social ou pessoal”.

Belluzzo (2017) considera que a competência em informação está centrada na aprendizagem ao longo da vida, seu conceito está vinculado à necessidade de domínio do universo informacional e abrange o conhecimento, as habilidades e atitudes. Nesse sentido, fica evidente a necessidade de ações constantes tendo em vista a formação de habilidades para a competência em informação. Esse processo que o estudante percorre para o desenvolvimento

das habilidades informacionais pode sofrer influência de suas crenças de autoeficácia, que serão tratadas na próxima seção.

### **3 CRENÇAS DE AUTOEFICÁCIA**

As crenças de autoeficácia influenciam em diversos aspectos da vida das pessoas, como por exemplo, o quanto elas se motivam ou perseveram diante das adversidades, sua vulnerabilidade ao estresse, a depressão e as escolhas que fazem em suas vidas. Em se tratando do funcionamento humano nas crenças de autoeficácia, o nível de motivação, os estados afetivos e as ações das pessoas baseiam-se mais no que acreditam, do que na realidade (BANDURA, 1997)

Na perspectiva de Costa e Boruchovitch (2006), de acordo com a crença de autoeficácia, as pessoas que mais se esforçam para realizar determinada tarefa são as que se julgam mais capazes. Os estudantes que possuem crenças na sua eficácia são mais persistentes na realização de atividades acadêmicas, possuem controle sobre o tempo de trabalho, sabem utilizar estratégias adequadas, possuem um bom desempenho acadêmico, estabelecem e cumprem metas, com o objetivo de evitar o fracasso. Segundo as autoras, o fato das pessoas acreditarem que podem exercer controle em relação aos obstáculos, colabora para maior autonomia. Ao contrário aqueles que não conseguem ficam ansiosos. Assim, os estudantes com baixa autoeficácia para resolver as atividades acadêmicas estão mais vulneráveis ao sentimento de ansiedade.

No âmbito acadêmico, o estudante motiva-se ao envolver-se nas atividades por acreditar que com seus conhecimentos, talentos e habilidades poderá adquirir novos conhecimentos, dominar um conteúdo e melhorar suas habilidades. Com as crenças de autoeficácia, o esforço se fará presente ao longo de todo o processo, mesmo que sobrevenham dificuldades. A crença de autoeficácia influencia o modo como um estudante sente-se, pensa, motiva-se e comporta-se (BZUNECK, 2004).

Pajares e Olaz (2008) também enfatizam que as crenças de autoeficácia influenciam o funcionamento humano, como na quantidade de ansiedade ou estresse que as pessoas sentem ao se envolverem em uma dada situação ou atividade. Crenças de autoeficácia elevadas proporcionam sentimentos de serenidade ao se estabelecer metas difíceis. Já as pessoas com crenças de autoeficácia baixas, geralmente acreditam que as coisas são mais difíceis do que a realidade, podendo desenvolver ansiedade, estresse, depressão e visão

limitada a respeito dos modos de resolver um problema. Assim, o esforço, a persistência e a perseverança associados à elevada autoeficácia levam a um desempenho melhor, aumentando o sentido de eficácia e a disposição da pessoa, no entanto, a desistência associada à baixa autoeficácia garante o próprio fracasso, reduzindo a confiança e o ânimo.

Nesse sentido, as crenças de autoeficácia são fundamentais para o processo motivacional, pois podem desenvolver ou bloquear uma ação. Cita-se como exemplo, quando um estudante acredita em sua capacidade para buscar informações e utiliza estratégias e habilidades para atingir suas metas, ou, quando o estudante acredita não ser capaz de buscá-las, mesmo dominando habilidades e estratégias, deixará de buscar informações, bloqueando assim a realização da atividade.

Na perspectiva do processo de busca e uso da informação, Savolainen (2014) realizou um estudo conceitual a respeito de como os pesquisadores têm conceituado as emoções e sentimentos como fatores que motivam a busca da informação, e o modo em que as emoções e sentimentos direcionam, expandem, limitam ou encerram a busca de informação. O autor verificou que, os pesquisadores estudados conceituam as emoções e sentimentos como motivadores para a busca da informação, caracterizando principalmente as emoções negativas, tais como, ansiedade e medo, enquanto as emoções positivas, como, a alegria, permaneceu como secundária. O autor concluiu que fatores afetivos são componentes importantes da motivação humana, demonstrando que emoções e sentimentos podem motivar ou desmotivar as tentativas de uma pessoa em buscar informações.

Outro estudo com esse foco foi o realizado por Sánchez Díaz (2014) com estudantes do primeiro ao quarto ano do curso de Ciência da Informação da Universidade de Havana. A pesquisa teve como objetivo analisar a motivação, a autoeficácia e o domínio das habilidades informacionais, especialmente nas categorias pesquisa, avaliação, tratamento e comunicação da informação. O pesquisador analisou também os hábitos de aprendizagem com base em critérios, como biblioteca, autodidata, cursos e aulas. Sánchez Díaz (2014) evidenciou que o estudo das habilidades informacionais é importante para a Ciência da Informação. De modo geral, os estudantes de Ciência da Informação apresentaram níveis altos de motivação para a maioria das variáveis, no entanto seus níveis de autoeficácia foram baixos. Mais especificamente, os estudantes do quarto ano apresentaram maior motivação; os do segundo ano maior autoeficácia e os do primeiro baixa motivação e baixa autoeficácia. De forma geral a baixa motivação estava relacionada à habilidade no processamento de informações. A autora

argumenta que é necessário aumentar os níveis de motivação nos itens: aprender a acessar e usar catálogos automatizados; conhecer os tipos de fontes de informação científica; ser capaz de reconhecer a estrutura de um texto; conhecer o código de ética acadêmico e profissional. Quanto aos hábitos de aprendizagem, o autodidata foi significativo entre os participantes da pesquisa e o uso da biblioteca foi considerado um hábito baixíssimo. A autora concluiu que seria importante o desenvolvimento de ações, além da colaboração entre bibliotecários e professores afim de melhorar a formação, a motivação e autoeficácia dos estudantes.

Em síntese, o estudo das crenças de autoeficácia no contexto do processo de busca e uso da informação, possibilita a compreensão de fatores motivacionais que podem interferir, positivamente ou negativamente nesse processo. Quanto maiores são as crenças de autoeficácia do estudante, ou seja, quanto mais o estudante confia em suas capacidades para atingir seus objetivos, maior poderá ser o seu nível de motivação para enfrentar os obstáculos presentes na busca e do uso da informação.

#### **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, para o seu desenvolvimento foi utilizada a pesquisa colaborativa. Reportando-se a Ibiapina (2008) a pesquisa colaborativa é a prática que se volta para a resolução dos problemas sociais, especialmente aqueles vivenciados na escola, contribuindo com a disseminação de atitudes que motivam a co-produção de conhecimentos voltados para a mudança da cultura escolar e para o desenvolvimento profissional. Trata-se de uma prática alternativa de indagar a realidade educativa em que investigadores e educadores trabalham conjuntamente na implementação de mudanças e na análise de problemas, compartilhando a responsabilidade nas decisões e na realização de tarefas de investigação.

Quanto à abordagem, foi utilizada uma análise qualitativa, inerente a esse tipo de pesquisa. O estudo teve como *lócus* o Curso de Biblioteconomia de uma instituição de ensino pública do norte do Paraná, mais especificamente a disciplina obrigatória oferecida ao 3º ano do curso – *Pesquisa em Ciência da Informação e Biblioteconomia*. Compuseram a amostra 16 estudantes que estavam matriculados nessa disciplina no ano letivo de 2016. A escolha dessa amostra se deveu ao fato desses estudantes estarem em fase de construção de seus projetos de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), momento em que a busca e o uso da informação se intensificam.

As etapas da pesquisa consistiram em: a) contato inicial com os estudantes, com o

objetivo de conhecê-los, apresentar a proposta da pesquisa, levantar as habilidades informacionais e caracterizar as práticas de pesquisa dos estudantes; b) realização de uma oficina; c) coleta de dados após a oficina por meio de um grupo de discussão. Na primeira etapa da coleta de dados apresentou-se aos estudantes o tema, os objetivos da pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), iniciando-se a interação da pesquisadora com a turma, bem como a identificação de suas necessidades em relação às habilidades para a busca e o uso da informação. Os dados obtidos nessa fase foram registrados em um diário de pesquisa. Após o levantamento dessas necessidades foi proposta uma oficina aos participantes, com duração de seis horas, divididas em dois encontros semanais e realizada em um laboratório de informática.

Na oficina (segunda etapa da pesquisa) abordou-se a respeito da busca e uso da informação e também sobre o fichamento de textos, com a intenção de auxiliá-los na construção do problema e da justificativa para o projeto de pesquisa. A oficina teve como objetivo apresentar diferentes recursos informacionais (especialmente bases de dados) e estratégias para a recuperação da informação, auxiliando assim no levantamento de bibliografias. Para tal, os estudantes realizaram vários exercícios de busca de textos científicos para a temática de seu projeto de pesquisa, tendo a orientação da pesquisadora. Também foram realizadas ações que focalizavam nas estratégias utilizadas para a organização e síntese das informações recuperadas, com a apresentação de dicas para fichamentos, por meio da Técnica de Cornell<sup>2</sup>. Assim como procurou-se abordar sobre a importância do uso ético da informação, tendo em vista a produção de textos. Por fim, refletiu-se sobre a motivação e a regulação, associadas ao processo de busca e uso da informação. Os instrumentos adotados na segunda etapa foram um roteiro de observação e o diário de pesquisa para anotação das observações realizadas, bem como das manifestações dos estudantes durante a oficina.

Após uma semana da realização da oficina foi feita uma nova coleta de dados, a partir de um grupo de discussão, com um roteiro de pesquisa, cujo intuito foi levantar as percepções dos estudantes em relação a oficina, bem como ao desenvolvimento de suas habilidades e orientações motivacionais. Os dados coletados por meio da observação, diário de pesquisa e grupo de discussão foram organizados, analisados e interpretados tendo em vista os objetivos da pesquisa e a literatura científica.

---

<sup>2</sup> Técnica de fichamento desenvolvida por Walter Pauk da Universidade de Cornell, na década de 1950.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão descritos e discutidos seguindo-se as três fases da pesquisa.

### 5.1 Resultados Fase I

Por meio da discussão inicial realizada com os participantes na primeira etapa desta pesquisa, pode-se verificar que uma parte dos estudantes apresentava domínio no uso das fontes de informação, outros conheciam algumas fontes, no entanto apresentavam dificuldades em sua utilização. Entre os comentários dos estudantes referentes a utilização das fontes de informação, pode-se perceber que alguns haviam solicitado ajuda ao bibliotecário da instituição do curso que frequentam para o levantamento inicial dos textos, outros disseram que só conseguiram iniciar o levantamento para a construção do problema após ter conversado com a professora ministrante da disciplina e a mesma ter orientado no uso de algumas bases de dados. Além disso, verificou-se que alguns estudantes não haviam definido a temática da pesquisa, outros, tinham o tema e problema bem definidos, no entanto, não haviam encontrado literatura científica para iniciar as leituras.

Notou-se também que alguns estudantes apresentavam dificuldades na formulação das palavras-chaves para a busca da informação desejada. Outros argumentaram que apesar de terem usado diversas palavras-chave não obtiveram um resultado satisfatório na busca. Desse modo, esclareceu-se para a turma que nem todas as bases apresentam informações a respeito de todos os temas de pesquisa, sendo indispensável o levantamento em diversas bases de dados. Pizzani et al. (2012) defendem que para facilitar o processo de busca e seleção das informações, é importante que o estudante utilize os operadores booleanos *AND*, *OR* e *NOT* (em português E, OU e NÃO) e outras técnicas como a truncagem de palavras.

Quanto à formulação do problema de pesquisa (fase de construção do projeto em que a maioria dos participantes deste estudo se encontravam), muitos estudantes relataram que inicialmente estavam confusos, pois não tinham definido claramente o foco da pesquisa. Outro aspecto identificado nessa primeira fase da pesquisa foi a ansiedade e a insegurança, que são barreiras que podem interferir no acesso a informação. Wilson e Walsh (1996) já haviam alertado sobre a interferência da ansiedade no processo de busca informacional. A respeito da insegurança uma estudante relatou que apesar de já ter estudado as bases de dados, sentia-se muito insegura ao utilizá-las. A insegurança apresentada pela estudante pode estar relacionada à baixa autoeficácia, que segundo Savolainen (2015) manifesta-se como uma

barreira cognitiva construída internamente, desencorajando o estudante a buscar o acesso às fontes de informação, acreditando que essas são difíceis de serem acessadas.

Em se tratando das crenças de autoeficácia, que se referem às crenças que uma pessoa possui a respeito de suas capacidades para realizar com sucesso determinada atividade, alguns estudantes apresentavam-se com baixas crenças de autoeficácia, como pode ser observado por meio do relato: “[...] eu tento acreditar muito em mim, mas nesse momento estou com muito medo do TCC. Já tive vários pesadelos e ainda não consegui fazer o problema. Estou com medo de não conseguir fazer o que me propus”. Bandura (1997) ressalta que pessoas com baixa autoeficácia em um ambiente que não favoreça altas expectativas de resultados, desistem rapidamente a medida que os esforços não geram resultados positivos, assim sentem-se desmotivadas ou indiferentes diante das situações.

Conforme os resultados apontados, esta fase foi importante para subsidiar as outras fases da pesquisa. Por meio desta coleta de dados, pode-se verificar as necessidades informacionais, as dificuldades no processo de busca e uso da informação, bem como alguns aspectos que apontaram ansiedade, insegurança e falta de confiança para a construção do problema e justificativa para o pré-projeto de pesquisa.

## **5.2 Resultados Fase II**

Essa fase consistiu na elaboração de uma oficina com os participantes do estudos. No primeiro dia da oficina foi realizada a apresentação e a demonstração de busca em bases de dados da Ciência da Informação e posteriormente os estudantes realizaram algumas buscas. Todas as demonstrações de busca e os exercícios foram realizados levando-se em consideração os temas de pesquisa dos estudantes, já que todos haviam definido a linha de pesquisa e a maioria o tema e o problema que estavam desenvolvendo no pré-projeto. Entre os estudantes que ainda não haviam definido claramente seu problema de pesquisa, estavam àqueles com dificuldades em relação ao foco do estudo que iriam propor no projeto de pesquisa. Nesse sentido, Brand-Gruwel, Wopereis e Vermetten (2005) destacam que a habilidade de formulação do problema é importante para se ter uma visão geral do que se pretende desenvolver, sendo indispensável a concretização do problema.

Assim, os estudantes que estavam com dificuldades em definir o tema e o problema de pesquisa, pediram ajuda, tiraram dúvidas e fizeram as buscas referentes ao tema que idealizavam, e com isso aprofundaram na leitura, como relatado por um dos participantes:

*“[...] ainda não possui um tema bem definido, mas coletei muitos textos que me interessaram, e que estão me direcionando a um tema”*. Outros estudantes também adequaram e delimitaram o tema da pesquisa, após as leituras e discussões com a pesquisadora e com a professora da disciplina em que estava sendo realizada a oficina, que também acompanhou todas as atividades realizadas nas três etapas desta pesquisa.

Durante o acompanhamento das atividades os estudantes se mostravam interessados em utilizar as bases apresentadas para busca de informações e quando encontravam textos referentes ao tema de pesquisa dos colegas, compartilhava-os imediatamente, via e-mail, *Facebook* ou *Whatsapp*. Verificou-se que, os estudantes apresentam o hábito de compartilhar os textos, o que impacta positivamente na disseminação das informações. Essa habilidade referente ao compartilhamento da informação em meio digital está presente nos indicadores que avaliam a competência em informação.

Ao longo da oficina também foi solicitado aos estudantes que refletissem sobre seu desempenho e dificuldades encontradas no processo de busca e uso da informação. E muitos deles mostravam-se conscientes em relação ao seu próprio desempenho, conseguiam perceber quando não estavam aprendendo e quando precisavam se dedicar mais. Pode-se evidenciar por meio do seguinte relato: *“acredito que vou conseguir, mas ainda não me dediquei de verdade, fiz as buscas, no entanto não li o texto como deveria”*. Segundo Lau (2007) as habilidades informacionais são fundamentais para a aprendizagem, sendo o primeiro passo na aquisição das metas educacionais de um estudante.

Também durante as atividades da oficina foi questionado aos participantes quanto às estratégias que utilizavam para o processamento e organização das informações. A maioria relatou que no momento da leitura dos textos grifam ou sublinham as partes principais, independente do texto ser em formato impresso ou digital; um deles mencionou que: *“quando o artigo é digital eu transcrevo no caderno e depois faço a impressão”*; outros abrem uma pasta no computador para transcrevem as partes principais ou as suas percepções em relação ao conteúdo do texto. Nota-se que, os estudantes utilizam as estratégias cognitivas, possibilitando a compreensão das informações e desenvolvimento do pré-projeto de pesquisa. De acordo com Alcará (2012) e Boruchovitch e Santos (2006) as estratégias mencionadas referem-se aos métodos mais gerais utilizados pelos estudantes para compreender as informações.

A maioria dos estudantes elabora as referências no momento em que realizam os

fichamentos, justificando que procedem dessa forma para não esquecerem, outros disseram que estão aprendendo a fazer o fichamento e em seguida elaborar a referência. Neste contexto, ressalta-se a importância de se elaborar as referências, pois as mesmas dão embasamento para novas buscas de informações, contribuindo para a literatura científica da área pesquisada. Na sequência da oficina, foi apresentado para a turma a Técnica de Cornell, que se trata de uma técnica para o fichamento de textos, conforme mencionado nos procedimentos metodológicos deste estudo. Para utilizar essa técnica o estudante pode fazer um esquema no *Excel*, *Word*, caderno, rascunho, verso do texto ou no próprio texto. Nessa técnica, em cada tópico ou palavra-chave que se refere a um conceito, pode-se ao lado fazer o detalhamento quanto ao que se refere. Para os que utilizam essa técnica em arquivos digitais, pode-se copiar e colar a citação literal, colocando o número da página correspondente e o ano de publicação.

Ao ser apresentada a técnica de Cornell, os estudantes demonstraram-se bastante interessados, relataram que a técnica é muito interessante e que não tinham conhecimento sobre ela. A maioria afirmou que iria adotar a técnica, já que facilita os estudos e a elaboração de sínteses dos textos lidos. Um deles argumentou: *“o fichamento que eu utilizava era somente de leitura e sublinhamento de cada parte do texto que eu achava interessante. Vou tentar utilizar essa técnica, pois parece ser útil para entender exatamente o que o texto fala”*. Alguns estudantes dão preferência para a utilização dos meios impressos em detrimento dos digitais, como, por exemplo, o uso de caderno para as anotações, um dos estudantes mencionou: *“eu faço as anotações no caderno, escrevo os mínimos detalhes como as horas, dou preferência para esse recurso pois quando tenho dúvidas, ou, mesmo se os meus colegas me perguntam, consigo rever as anotações com mais facilidade”*.

Os estudantes participaram de todas as atividades propostas na oficina, estavam empenhados, dispostos a interagir e a contar as experiências vivenciadas. Pode-se constatar por meio dos relatos a relevância da oficina, conforme pode ser visualizado a seguir: *“penso que essa aula deveria ter em todos os cursos, porque as pessoas não sabem o que buscar ou o que não buscar, não sabem como fazer as pesquisas”*; outro complementou: *“foi muito importante as aulas, penso que essa aula deveria ser dada no início do curso e depois reforçada, porque tirando quem participa de projetos os outros são leigos e tem dificuldade para desenvolver textos com referências e buscas confiáveis”*.

A partir da oficina foi possível observar que alguns estudantes se sentiam confusos com

o desenvolvimento de suas pesquisas, não conheciam ou não utilizavam variadas fontes de informação. Conforme ocorreu a interação dos estudantes com a professora da disciplina e com a pesquisadora, verificou-se a aquisição de habilidades informacionais e cognitivas. Os resultados também evidenciam a necessidade de criação de atividades voltadas para o desenvolvimento de habilidades informacionais, desde a manifestação das necessidades, conversão dos temas em palavras-chave, busca e uso da informação.

### **5.3 Resultados Fase III**

Como já mencionado, na terceira fase realizou-se um grupo de discussão com os participantes da pesquisa. Antes de iniciar as discussões foi solicitado que os estudantes refletissem a respeito de suas ações para a construção do problema de pesquisa para o pré-projeto do TCC. Perguntou-se aos estudantes como foi o processo de construção do problema de pesquisa quando iniciaram a elaboração do pré-projeto. E após a oficina, como estava sendo. Nesse momento, foi solicitado que refletissem sobre o processo de busca da informação realizado durante e após a oficina e qual a sua contribuição para a construção do pré-projeto de pesquisa. Um dos estudantes respondeu que antes de iniciar a pesquisa “*estava perdido*”, não conseguia refletir e definir estratégias, tinha dificuldades em utilizar as bases de dados. Relatou que conseguiu começar a busca após ter conversado com a proponente desta pesquisa e a mesma ter mostrado várias bases de dados e os procedimentos para utilizá-las.

A respeito do problema de pesquisa um dos estudantes relatou que no início estava com bastante dificuldade em formular essa parte do projeto de pesquisa, argumentou que a dificuldade era devido às incertezas diante de inúmeras possibilidades. O estudante apresentava um certo domínio da temática na qual estava desenvolvendo o projeto, no entanto sentia-se inseguro. Após a oficina, avançou em suas leituras, conseguiu direcionar melhor o problema e sentiu-se mais confiante. Pode-se inferir o quão importante é a leitura para o desenvolvimento e aprimoramento de um texto. Witter (1990) e Santos (1997) enfatizam que a leitura no ambiente acadêmico é uma das habilidades que proporciona ao estudante o acesso ao conhecimento, sendo imprescindível a realização de uma leitura crítica, de modo que possibilite a recuperação da informação, utilizando-a para as práticas acadêmicas.

Em se tratando do direcionamento do problema, um estudante relatou que reconheceu a necessidade de direcionar a sua pesquisa, fazer a leitura e síntese dos textos,

para assim, assimilar melhor as informações. Outro mencionou, que se sentiu mais seguro, mas precisava formular o problema e definir as palavras-chaves adequadas, para com isso, realizar um novo levantamento bibliográfico mais preciso. Nessa perspectiva, Kuhlthau (2010) destaca que no momento da exploração do tema, o estudante realiza a leitura de diversas fontes, no entanto está propenso a encontrar informações díspares, podendo manifestar os sentimentos de dúvida, confusão e frustração.

Um dos estudantes relatou que desde o início da disciplina já tinha definido a temática que pretendia desenvolver na pesquisa, no entanto, conforme o avanço das aulas e com a oficina conseguiu direcionar melhor o problema. A oficina para o uso de bases de dados proporcionou ao estudante o conhecimento de novas bases, possibilitando a recuperação de diversos artigos, conheceu outros autores da área, além dos clássicos, ampliando assim seus conhecimentos sobre a temática. Outro estudante comentou: *“após a oficina me inspirei, e fui fazer meu problema”*.

Foi questionado se os estudantes ativaram os conhecimentos prévios que tinham sobre o assunto antes de iniciar as suas pesquisas. Uma parcela considerável disse que *“sim”*, pois ao fazerem isso a busca de informação fluíu melhor. Brand-Gruwel, Wopereis e Vermetten (2005) ressaltam que é importante acionar o conhecimento prévio para melhor definição da informação a ser buscada.

Em se tratando de ética na pesquisa, mais especificamente em relação ao uso da informação, alguns estudantes disseram que se sentem inseguros e com medo de plágio não intencional, como relatado, *“[...] o autor tem uma ideia e essa ideia é aplicável dentro do meu assunto, eu tenho medo de aplicar sem ele ter aplicado, falar uma coisa como se ele tivesse dito, mas não disse”* e *“[...] quando vou escrever um assunto, tenho medo de fazer cópia do autor [...]”*. O oposto foi constatado no estudo realizado por Batista Rojas *et al.* (2011), que identificaram que a maioria dos estudantes pesquisados não tem nenhum conhecimento sobre os aspectos éticos que regem o uso e a gestão da informação

Ainda sobre a busca da informação, um dos estudantes relatou que no início a sua busca era bem limitada, não tinha conhecimento das inúmeras bases de dados existentes, não sabia utilizá-las corretamente e nem conseguia atribuir palavras-chave adequadas. De acordo com a ALA (1989) para ser competente em informação o estudante deve reconhecer a necessidade de informação, possuir habilidades para localizar, avaliar e utilizar essas informações, e assim, atingir seus objetivos estabelecidos inicialmente.

Os estudantes que participaram da pesquisa utilizam como critérios para a seleção e avaliação das informações, textos que apresentam conceitos e definições de autores consolidados na área, leitura de resumos, análise das referências e pesquisas no currículo *lattes* dos autores. Quanto ao uso da informação, verificou-se que alguns estudantes costumam relacionar os textos que leem com o conhecimento que já possuem sobre o assunto, demonstrando que possuem habilidades metacognitivas. Um deles argumentou: *“consigo compreender o texto somente quando faço relações do que leio com o meu conhecimento prévio”*; outro disse que: *“a leitura flui somente quando eu consigo colocar o que estou lendo dentro de um contexto”*; outro também complementou que: *“a partir do momento que eu atribuo significado a informação, a mesma torna-se relevante e importante”*; citaram ainda: *“se eu não fizer link da leitura com algo que vivenciei, li ou aprendi, tenho que ler de novo [...]”*. Para Andrade e Dias (2006) a compreensão implica em estabelecer relações entre o conteúdo de um texto e o conhecimento adquirido anteriormente.

Outra estratégia mencionada pelos estudantes referia-se ao processo de assimilação dos conteúdos, sendo que a maioria prefere conversar com outra pessoa, alguns deles chegam antes do horário de início da aula para discutir os textos das disciplinas com os colegas, desse modo, verificou-se que a socialização do conhecimento é de suma importância para a turma, os estudantes aprendem mais quando estudam em grupo. Nessa perspectiva, pode-se mencionar a teoria formulada por Nonaka e Takeuchi (1997), que defende que a informação é transformada em conhecimento a partir da interação entre as pessoas.

Uma parte considerável dos estudantes se descreveu como *“curiosos”*, *“interessados”*, *“dedicados”* e *“esforçados”* para a busca da informação. Ressalta-se que a curiosidade influencia no processo de busca e uso da informação e conseqüentemente no processo de aprendizagem, promovendo o desenvolvimento das habilidades informacionais, das estratégias metacognitivas e da autorregulação.

Alguns dos estudantes utilizavam algumas estratégias metacognitivas, como por exemplo, retomar a leitura do texto quando não compreendiam o que estavam lendo, para depois fazer *links* com o conhecimento que já possuíam sobre o assunto, como relatado: *“quando a leitura é mais complexa, leio duas ou três vezes, para conseguir fixar bem e linkar com as outras coisas que já li”*. Nesse sentido, Gonçalves (2008) defende que a compreensão da informação depende dos conhecimentos prévios e também do desenvolvimento das capacidades cognitivas para selecionar, processar e (re) organizar as informações. Outros

estudantes apresentaram dificuldades em relacionar a informação recuperada com o problema de pesquisa e reconheceram que precisam se aprofundar na leitura dos textos. Ao serem questionados se conseguiam identificar em que contexto estava inserido o tema de pesquisa, alguns estudantes disseram que sentem dificuldades, outros que conseguem. Um deles mencionou, “[...] apesar da minha insegurança, eu consigo ler um texto e analisar se encaixa no contexto da minha pesquisa [...]”.

Conforme Pimenta (2000), Ferreira, Almeida e Soares (2001), Marini e Boruchovitch (2014) ao se apropriar das estratégias cognitivas e metacognitivas, o estudante torna-se mais competente em seus estudos, aumentando as possibilidades de sucesso no âmbito acadêmico. Nesse sentido, além das estratégias cognitivas e metacognitivas aprimoradas, é indispensável que os estudantes possuam crenças de autoeficácia para obter bons resultados na busca e uso da informação, e conseqüentemente um melhor rendimento acadêmico.

Em se tratando das crenças de autoeficácia, que se referem às percepções que os estudantes possuem das suas próprias capacidades, possibilitando o desenvolvimento da motivação, bem-estar e realizações pessoais (BANDURA, 1997), os estudantes relataram que acreditam em suas capacidades, no entanto em alguns momentos sentem-se desanimados.

Costa e Boruchovitch (2006) destacam que as crenças de autoeficácia contribuem para a motivação de diversos modos, determinam as metas que as pessoas estabelecem para si, o esforço investido, o tempo de persistência mediante as dificuldades e como reagem diante dos próprios fracassos. Como exemplo, no caso desta pesquisa, cita-se o estudante que relatou se sentir motivado, pois quer atingir um objetivo que é terminar o TCC. Ainda de acordo com as autoras, os que acreditam mais em si e em suas capacidades exercem mais esforço diante das dificuldades, o que resulta em melhores realizações. Um estudante relatou que sente prazer em escrever, mencionou que estava sofrendo achando que não fosse conseguir desenvolver o problema, mas persistiu e surpreendeu a si mesmo. Assim, o esforço, a persistência e a perseverança associados à elevada autoeficácia levam a um desempenho melhor, aumentando o sentido de eficácia e a disposição do estudante (PAJARES; OLAZ, 2008).

Os resultados indicam que ao longo das atividades propostas alguns estudantes se mostraram mais reflexivos sobre a confiança em si mesmo e relataram que acreditam em suas capacidades, e que a cada obstáculo que enfrentam, sentem-se mais confiantes. Um deles mencionou: “acredito que eu seja capaz de escrever um TCC. O que não sei, aprenderei. Claro que terei algumas dificuldades, mas nada que eu não possa superar” e “eu acredito que vou

*conseguir [...]”*. Segundo Pereira, Zuppani e Gonçalves (2014) os estudantes com crenças de autoeficácia elevadas apresentam pensamentos e emoções que os motivam a concentrar seus esforços nas oportunidades oferecidas.

Apesar de alguns estudantes sentirem-se inseguros ou mesmo chorarem em situações difíceis e estressantes, eles persistem e vão até o final dos objetivos estabelecidos, como relatado: *“estou insegura em relação ao meu problema, a minha promessa é que vou me dedicar, vou escrever! A necessidade de me dedicar está me deixando maluca, mas vou conseguir eu prometo”*. Nesse sentido, Pereira, Zuppani e Gonçalves (2014) argumentam que as crenças de autoeficácia podem interferir diretamente nas ações, impactando de modo quantitativo ou qualitativo nos esforços e persistência dedicados às ações e também nas reações emocionais diante das dificuldades e obstáculos.

Diante dos resultados apresentados na fase III desta pesquisa, foi possível verificar que os estudantes se desenvolveram em relação a busca, verificação, seleção, uso e organização da informação. Além de se mostrarem mais confiantes e com crenças de autoeficácia mais elevadas em relação ao desenvolvimento de suas pesquisas.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em síntese, percebeu-se a importância da oficina para o desenvolvimento das habilidades informacionais e o aumento da motivação, por meio das crenças de autoeficácia, já que se pode notar que após a oficina os estudantes mostravam-se mais confiantes e seguros para a busca e uso da informação. No decorrer da oficina os estudantes perceberam a importância das atividades desenvolvidas para a construção do pré-projeto do TCC. As discussões referentes as suas dificuldades e o quanto precisavam se dedicar à construção da pesquisa foram de extrema importância para se conscientizarem do trabalho que necessitavam desenvolver, especialmente em relação às buscas mais diversificadas e ao volume de leitura para a elaboração dos textos do pré-projeto. As discussões ao longo da oficina e do grupo de discussão também possibilitaram uma autorreflexão sobre as dificuldades e a motivação dos estudantes.

Considerando o atual contexto universitário, são poucos os momentos em que os estudantes refletem sobre as suas necessidades, limitações, dificuldades e inseguranças. Por meio da oficina os estudantes matriculados no 3º ano do curso de Biblioteconomia tiveram a oportunidade de refletir sobre esses aspectos em suas práticas de pesquisa. Os resultados do

estudo também mostraram que a utilização da metodologia colaborativa, por meio da intervenção da pesquisadora e da professora ministrante da disciplina, possibilitou a construção dos dados da pesquisa a respeito da formação e do desenvolvimento das habilidades informacionais por meio da reflexão das práticas de pesquisa dos estudantes.

Nesse sentido, conclui-se que a pesquisa pode contribuir para a área de Ciência da Informação, especificamente para os estudos da competência em informação e das habilidades informacionais. No entanto, há que se enfatizar que o desenvolvimento das habilidades informacionais em estudantes universitários e de atividades educacionais voltadas para isso é uma temática que ainda carece de mais pesquisas. Ainda como contribuições, espera-se que os resultados deste estudo possam apontar pistas para os estudantes, futuros bibliotecários, que poderão atuar em instituições de ensino com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento e formação de habilidades informacionais dos estudantes.

## REFERÊNCIAS

ALCARÁ, A. R. **Compreensão de leitura, estratégias de aprendizagem e motivação em universitários**: estudos de validade de medidas. 2012. 191f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade São Francisco, Itatiba.

ANDRADE, M. W. C. L.; DIAS, M. G. B. B. D. Processos que levam à compreensão de textos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 147-154, jan./abr. 2006.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION - ALA. **Presidential Committee on Information Literacy**: final report. Washington, D.C., 1989.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES - ACRL. **Framework for information literacy for higher education**. Chicago: American Library Association, 2015. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/standards/ilframework>>. Acesso em: 04 ago. 2017.

BANDURA, A. **Self-efficacy**: the exercise of control. New York: W. H. Freeman, 1997. 604 p.

BATISTA ROJAS, O. et al. Caracterización de competencias informacionales en estudiantes del Policlínico Docente Meneses. 2010. **Revista Cubana de Informática Médica**, La Habana, v. 3, n. 2, p.100-112, 2011. Disponível em: <<http://scielo.sld.cu/pdf/rcim/v3n2/rcim02211.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2017.

BÉGUIN-VERBRUGGE, A. Compétences informationnelles pour une meilleure insertion universitaire. **Rencontres Formist**, Paris, Babel, juin 2005. Disponível em: <<http://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/documents/1170-competencesinformationnelles-pour-une-meilleure-insertion-universitaire.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

BELLUZZO, R. C. B. O estado da arte da competência em informação (CoInfo) no Brasil: das reflexões iniciais à apresentação e descrição de indicadores de análise. **Revista Brasileira de**

**Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. especial, p. 47-76, jan./jul. 2017. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/570>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

BELLUZZO, R. C. B.; FERES, G. G. Competência em informação, redes de conhecimento e as metas educativas para 2021: reflexões e inter-relações. In: BELLUZZO, R. C. B.; FERES, G. G.; VALETIM, M. L. P. (Orgs.). **Redes de conhecimento e competência em informação: interfaces da gestão, mediação e uso da informação**. Rio de Janeiro: Interciência, 2015.

BELLUZZO, R. C. B.; SANTOS, C. A. dos; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de A competência em informação e sua avaliação sob ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações teóricas. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 60-77, maio/ago. 2014.

BERNHARD, P. La formación en el uso de la información: una ventaja en la enseñanza superior. **Situación actual. Anales de Documentación**, n. 5, p. 409-435, 2002.

BORUCHOVITCH, E.; SANTOS, A. A. Estratégias de aprendizagem: conceituação e avaliação. In: NORONHA, A. P. P.; SANTOS, A. A.; SISTO, F. F. (Org.). **Facetas do fazer em avaliação psicológica**. São Paulo: Vetor, 2006.

BRAND-GRUWEL, S.; WOPEREIS, I.; VERMETTEN, Y. Information problem solving by experts and novices: analysis of a complex cognitive skill. **Computers in Human Behavior**, v. 21, p. 487-508, May 2005. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563204001591>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

BZUNECK, J. A. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: BURUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Orgs.). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2004. Cap. 1.

COSTA, E. R.; BORUCHOVITCH, E. A auto-eficácia e a motivação para aprender: considerações para o desempenho escolar dos alunos. In: AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J. (Orgs.). **Auto-eficácia em diferentes contextos**. Campinas: Alínea, 2006. p. 87-109.

FERREIRA, J. A.; ALMEIDA; L. S.; SOARES, A. P. Adaptação acadêmica em estudante do 1º ano: diferenças de gênero, situação de estudante e curso. **PsicoUSF**, v. 6, n. 1, p. 1-10, 2001.

GASQUE, K. C. G. D. Competência em informação: conceitos, características e desafios. **A.to.Z: novas práticas em informação e conhecimento**. Curitiba, v.2, n.1, p.5-9, jan./jun. 2013.

GONÇALVES. S. Aprender a ler e compreensão do texto: processos cognitivos e estratégias de ensino. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid, España, n. 46, p. 135-151, 2008.

IBIAPINA, I. M. L. de M. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**: Brasília: Líber Livro, 2008.

KUHLTHAU, C. C. **Como orientar a pesquisa escolar: estratégias para o processo de aprendizagem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 252 p.

LAU, J. **Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente**. Boca del Rio, Veracruz, México: IFLA, 2007.

MARINI, J. A. da S.; BORUCHOVITCH, E. Estratégias de aprendizagem de alunos brasileiros do ensino superior: considerações sobre adaptação, sucesso acadêmico e aprendizagem autorregulada. **Revista Eletrônica de Psicologia, Educação e Saúde**, v.4, n. 1, p.102-126, 2014.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa**. 9. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

PAJARES, F.; OLAZ, F. Teoria social cognitiva e auto-eficácia: uma visão geral. In: BANDURA, A.; AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J. **Teoria social cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: Artmed, 2008. Cap. 4.

PEREIRA, A. L.; ZUPPANI, T. dos S.; GONÇALVES, M. N. Crenças de autoeficácia e carreira de estudantes de administração. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 9, n. 2, p. 535-547, maio/ago. 2014.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S. G. (Edição). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2000.

PIZZANI, L. et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 53-66, jul./dez. 2012.

SÁNCHEZ DÍAZ, M. Diagnóstico de las competencias informacionales en Ciencias de la Información desde la percepción del estudiante de la Universidad de la Habana. **Investigación Bibliotecológica**, México, v. 29, n. 67, p. 201-218, septiembre/diciembre, 2014.

SAVOLAINEN, R. Cognitive barriers to information seeking: a conceptual analysis. **Journal of Information Science**, v. 41, n. 5, p. 1–11, 2015.

SAVOLAINEN, R. Emotions as motivators for information seeking: a conceptual analysis. **Library & Information Science Research**, v. 36, n. 1, p. 59–65, 2014.

WILSON, T. D.; WALSH, C. Information behaviour: an inter-disciplinary perspective. **British Library Research and Innovation Report**, n. 10, 1996.

WITTER, G. P. Pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e busca de informação. **Estudos de Psicologia**, v. 7, p. 5-30, 1990.